

# O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR

Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Officina de composição, R. Direita  
— Impressão na Tip. Nacional,  
R. dos S. Martiões—AVEIRO.Redacção e Administração, Rua  
Direita, n.º 54

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

## A Junta do Porto

Muda sensivelmente a face da questão as declarações vindas a lume, na imprensa do norte, da Junta Militar do Porto.

Teria mudado desde o primeiro momento se, claramente, a Junta tem logo posto a questão nos termos precisos em que a põz agora. Por que não o fez?

A esfingica atitude em que, por espaço de tres semanas, se manteve, deu lugar a que sobre as suas intenções se bordassem as mais fantasiosas e contraditorias suposições e se levantassem as mais graves suspeitas.

Não o ignora a Junta, e foi certamente por ver que a sua enigmatica attitud estava desvirtuando as suas intenções, que se resolveu a aclarar a situação com as peremptorias declarações agora tornadas publicas.

Não são tardias, mas teriam evitado a lamentavel e equivooca situação que se criou após o infamissimo atentado que victimou o inesquecivel presidente dr. Sidonio Paes, se tivessem sido feitas a tempo, isto é, na ocasião em que se manifestou a primeira desintelligencia entre o governo e os signatarios do pacto, cuja existencia já ninguém pôde occultar.

A publicação do documento que noutro lugar inserimos, é de uma gravissima responsabilidade para os que, tendo-o assinado, procuravam agora subtrahir-se ao cumprimento do dever de honra que a sua assinatura representa.

A Junta, procurando obrigar á manutenção do compromisso os que dele pretendiam sustituir fagor, procedeu, em principio, com lealdade e como devia.

Ora, sendo a existencia de tal facto inteiramente desconhecida do paiz, a só intenção de manutenção e garantia da ordem com que a Junta apenas se cobria e dava como razão da sua existencia, não satisfazia nem podia satisfazer, não só porque a ordem não estava alterada, nada ameaçava altera-la, e o governo central era considerado como garantia bastante do seu respeito e estabilidade.

A teimosia em que a Junta se mantinha, sobre a declaração dos seus fins e intuitos, fez criar no espirito do povo republicano e especialmente no do Porto, a suspeita de que sob a apparencia da manutenção de uma ordem que nada ameaçava, outros fins se occultavam que a Junta não convinha declarar, por serem diametralmente opostos aos que declarava e aos sentimentos republicanos do paiz.

Sobre a Junta; portanto, pairava a suspeita de que ela preparava um golpe de mão para momento oportuno, suspeita a que dava mais força a concentração de tropas no Porto e a attitud ostensivamente tendenciosa dos jornaes monarchicos tanto de Lisboa como do Porto, mas especialmente destes ultimos.

Ora esta desconfiança manifestou-se quasi desde os primeiros momentos.

A denuncia do pacto existente e assinado pelo dr. Sidonio Paes e pelos comandantes das guarnições de Lisboa e Porto, devia ter sido feita logo que a Junta notou tal desconfiança, não só para esclarecer o povo do norte da lealdade das suas intenções, mas para dar uma razão de ser real á sua existencia, que os fins apontados não justificavam suficientemente.

O que pôde, pois, obrigar a Junta a não apresentar ao povo, cujas prerogativas de liberdade, de ordem e de boa administração in-

terna, declarava pretender garantir, esse notabilissimo documento do genio preventivo do valoroso chefe que só assassinado poderam os seus inimigos inutilisar, que era a sua primacial razão de ser, a justificação cabal dos seus fins, a prova inconfundivel da honestidade, pureza e lealdade das suas intenções?

Mas houve um motivo grave que mais suspeitas levantou á Junta, duplo motivo que, aparentemente, ella parecia consentir.

Era a attitud dos dois jornaes monarchicos do Porto, que, não perdendo todas as occasiões que se lhe oferecem de atacar a Republica, aproveitaram immediatamente o equivoco creado pela attitud pouco clara da Junta, para lançar ás mãos cheias a semente da restauração monarchica.

A Junta, parecendo não ver esta ostensiva incitação á immediata substituição do regimen, parecia implicitamente consentir em tal propaganda e avolumava assim as suspeitas sobre as suas verdadeiras intenções, dando lugar aos boatos que até Coimbra tiveram repercussão, de que se tratava e esperava uma restauração da monarchia.

Taes boatos tambem a Junta os não desmentiu categoricamente, e a hostilidade surda contra ella manifestava-se, portanto, em marcha crescente.

Tão contraditorio e equivoco estado de cousas não podia prolongar-se. A Junta comprehendeu que chegara o momento em que o silencio já não era de ouro, comprehendeu-o certamente por ver que se duvidava da lealdade das suas intenções e denunciou a existencia do pacto na declaração publicada nos jornaes.

Foi tarde, mas foi ainda a tempo.

A situação talvez não tivesse chegado ao estado agudo a que chegou se a Junta declarasse mais cedo que a sua razão de ser era honrar um compromisso a que o sr. Tamagnini Barbosa pretendia faltar, como signatario do mesmo compromisso, e os adversarios da Republica não teriam tentado pescar nas aguas turvas, aproveitando o ensejo para tentar uma restauração realista...

A attitud dos jornaes monarchicos, foi, neste gravissimo momento historico, a mais hipocrita e perversa, como sempre se manifesta quando a ocasião se lhes oferece propicia.

Esfaqueando a Republica sem distincção de nova ou de velha, la-deando os obstaculos que se lhe antolham para illudir a Junta, declarando que neste momento solene, honradamente declaravam que não pensavam sequer numa restauração monarchica, iam todavia insinuando, que o paiz estava farto desta experiencia de oito anos, que só servia para provar a falencia dos homens da Republica e que chegara o momento de se procurar quem soubesse governar-nos!

Dirigindo-se á Junta, animavam-na a não ceder um passo da sua attitud (tratava-se, é claro, da equivooca situação que a principio manteve com o seu silencio sobre a verdadeira causa da sua constituição, que era justamente a que lhes convinha) pediam um governo forte, um governo militar que esmagasse a demagogia (aqui queriam eles dizer democracia) e que seria então o momento oportuno de lançar ao paiz o famoso plebiscito sobre as instituições que desejava, plebiscito cujos resultados eles acatariam, fosse qual fosse!

E batiam constantemente e sobrepretecivamente a técla do plebiscito, insinuando a oportunidade do momento, o descredito da Republica, as excoelencias do governo monarchico, a incapacidade dos homens da Republica, etc.

Ora, este jogo, favoreceu inadvertidamente a Junta do Porto, com o seu silencio, com a sua attitud pouco clara que agora, finalmente, se precisa e concretisa.

A Junta, pois, declara que é detentora de um compromisso assinado com o proprio presidente Sidonio Paes—de quem agora já todos elogiam o acrisolado republicanismo—e declara mais, que tem de se constituir como tal, para lembrar aos que pretendiam eximir-se ás responsabilidades da sua assinatura, os deveres que ella lhes impõe.

Assim entendemo-nos.

A Junta defende os principios republicanos estabelecidos pelo presidente traicoiramente morto; a Junta declara e prova por um documento historico que é ella a que está uesses bons principios, donde se mostra que é ella ainda que quer a luta por que se continue a obra republicana do grande morto; a Junta mostra, enfim, que, com o jogo dos monarchicos nada tinha, que estes não faziam mais do que aproveitar uma situação equivooca para empregar os seus equivocos processos de luta e propaganda; a Junta perde, pois, a feição de suspeita que sobre ella pendia e apresenta-se nos detentora dos genuinos principios democraticos e republicanos, a cuja defesa e honra se comprometeu em documento de responsabilidade assinado com o proprio presidente da Republica. Muito bem.

Procura a Junta honrar o seu compromisso de defesa da Republica e da obra republicana do dr. Sidonio Paes; é, pelo contrario, o governo do sr. Tamagnini que pretende faltar a esse compromisso e mostra portanto querer falsea-lo. Resta-nos, pois, aguardar serenamente os actos da Junta e declararmos ao lado daqueles que defendem os seus principios do regimen republicano, principios sincera e lealmente republicanos por que combatemos sempre—entenda-se bem, sempre—e perguntar aos paladinos da monarchia, que proclamam que a experiencia da Republica está feita com oito anos deste regimen, o que devem dizer os republicanos de 270 (!!!) anos de crapulosa experiencia monarchica, desde 1640 a 1910?

## O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques de Valeriano, e no da Praça Marquez de Pombal.

## Recomposição

Em consequencia do conflito suscitado entre as Juntas Militares e o governo que se formou após a morte do presidente da Republica, teve este de ser recomposto, saindo os ministros da guerra, justiça e trabalho, cuja substituição foi feita pelos srs. tenente-coronel José Alberto da Silva Bastos, dr. Francisco Joaquim Fernandes e capitão Eurico Carneira.

O segundo pertence á minoria monarchica da camara dos deputados, não obstante ter sido eieito numa lista governamental, e por esta conjugação de factos cada vez mais nos convencemos de que a politica em Portugal não passa já dum grande pagode chinês.

Mas que outras surpresas nos estarão ainda reservadas? O céus!...

## Em cheio

Lê-se no *Liberal*, diario monarchico, sob a rubrica de Ruy de Alvor:

Não faz sentido, a meu vêr, que os monarchicos assistam aos conselhos de ministros da Republica e intervenham na resolução das crises dos governos da Republica. Contudo, os jornaes dão noticia de que monarchicos assistiram aos conselhos de ministros de ontem e dos ultimos dias, prendendo assim as suas responsabilidades á resolução da crise do governo republicano. Não tenho conhecimento de outro exemplo igual ou semelhante.

Nem nós. Pódem gabar-se os monarchicos portugueses ou que, como tal, se inculcam, de, a respeito de intransigencia de principios, levarem as lampas ao mais pintado comilão republicano.

## Roosevelt

Na madrugada do dia 6 faleceu este notavel homem publico da America do Norte, sendo sem conta os relevantissimos serviços prestados ao seu paiz desde a hora em que encetou a carreira politica.

Exerceu as altas funções de presidente da Republica, estando tambem para ser victima do desvario dum exaltado que contra a sua vida atentou, valendo-lhe um rolo de papel que transportava no bolso onde a bala assassina penetrou antes de o ferir ligeiramente.

Teodoro Roosevelt contava 61 anos e estava de novo indigitado para presidir aos destinos da America nas futuras eleições.

## AO SR. GOVERNADOR CIVIL

A epidemia da variola, que parecia ter diminuido a sua invasão, recrudescceu nestes ultimos dias, multiplicando-se os casos, alguns dos quaes se tem manifestado em pleno coração da cidade, como por exemplo na Rua do Gravito, onde se acha atacado um adulto, casado, e onde, certamente se não pôde manter as precauções de isolamento indispensaveis em casos destes, transformando-se, portanto, num ponto de irradiação do terrivel mal, a residencia do atacado.

Quando da epidemia bronco-pneumonia o governo facultou a verba indispensavel para a despesa com o internato no hospital dos atacados, pela simples razão de que este não tinha recursos para fazer face a tal dispendio. Foi uma medida das mais humanas e acertadas, por quanto deu lugar a que fossem hospitalizados dezenas de enfermos que, a não ser essa faculdade, morreriam sem recursos, alem de estabelecerem focos de infecção generalisadores da epidemia.

A mesma dificuldade subsiste, pois, neste momento em que as circunstancias exigem o immediato recolhimento ao hospital dos variolosos e assim, vimos rogar a. ex.º o sr. governador civil as providencias que a situação exige, procurando evitar que o novo flagelo invada a população da cidade, já tão amargurada por todas as inclemencias que sob ella tem caído.

Seria da maxima conveniencia que as autoridades sanitarias e o corpo clinico em serviço dessem, por sua vez, immediato conhecimento dos casos descobertos, fazendo-se a seguir o enteramento dos atacados e as desinfecções que a sciencia aconselha.

Ao que se está passando é indispensavel pôr cobro, sem demora, para o que, em nome da saúde publica, contamos com a boa vontade do illustre chefe de distrito e do sr. Provedor da Santa da Misericordia.

## Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a Farmacia Moura.

## Choque de comboios

### Panico e ferimentos leves

No domingo passado principiou de correr com insistencia ter-se dado, na estação do caminho de ferro desta cidade, um choque entre o comboio procedente de Lisboa e um outro que estava parado na linha.

Afirmava-se haver numerosos passageiros feridos, material desfeito, etc., boatos que mais se avolumaram quando foram reclamados os serviços da Cruz Vermelha.

Para a estação seguimos prontamente, convencendo-nos logo que, felizmente, havia um grande exagero na narrativa do desastre, que, sem duvida, poderia ser terrivel se o comboio chegado não trouxesse uma marcha muito fronsa, pois deveria parar 200 ou 300 metros para a frente do ponto onde se deu o choque.

O comboio correio n.º 3, procedente de Lisboa, rebocado pela maquina n.º 354, chegava á estação ás 20,46, mas por um erro da agulha, em vez de dar entrada na sua linha, tomou por outra e foi chocar com a maquina n.º 201, que fazia um comboio de mercadorias de Gaia a Alfaietas e que estava na linha do caso, tomando lenha, a qual, após o choque, caiu em grande quantidade sobre José Sampaio, fogueiro, que ficou contuso e bastante queimado nas costas e cabeça por ter tombado sobre a caldeira. O maquinista José Maria de Oliveira e chegador Caruncho receberam tambem algumas contusões sem gravidade, suocendo o mesmo a diversos passageiros, independentes do panico que entre eles se estabeleceu após o embate, descendo quasi todos desordenada e precipitadamente das carruagens. Serenados os animos foi verificado não haver ferimentos de gravidade, mas sim alguns muito leves, á parte o susto que os impressionou intensamente.

O fogueiro José Sampaio recebeu os primeiros curativos na estação, sendo-lhe mais tarde, pelos enfermeiros da Cruz Vermelha, aplicado tratamento.

No material, porém, os efeitos desastrosos foram mais avolumados, podendo apenas seguir do comboio n.º 3, uma carruagem de 1.ª e outra de 2.ª, tendo de ser atrelado a este comboio o material que deveria seguir para o Porto no *tramway* n.º 1:512, que, como está estabelecido, costuma partir todos os dias ás 4,40.

Tambem ficou bastante avariada a maquina n.º 201, que recebeu o embate, assim como a n.º 354 as quaes seguiram para o deposito de Gaia, indo a primeira apagada.

Na linha respectiva estão muito damnificados um vagão J, o forgon e um outro vagão L carregado com lenha, que se achava na rectaguarda da maquina 201 e que bastante avariou o caso. O resto do material avariado seguiu. De Gaia veio um comboio de accorro, trabalhando-se no desimpedimento da linha, serviço que ficou completo na segunda-feira, pelas 12 horas.

Até á hora que escrevemos, ainda não está apurado a quem cabe a responsabilidade do desastre, que não teve felizmente a gravidade que poderia ter atingido.

# A QUESTÃO MILITAR

**E' esclarecida por meio de um primoroso resumo da doutrina defendida em todos os tempos nas colunas do DEMOCRATA.**

A razão social da revolução de 5 de Outubro de 1910, que derrubou a monarquia e implantou o sistema de governo republicano em Portugal, foi a persuasão de que se desbaratava o patrimonio nacional, tantas vezes incutida no espirito publico por todos os meios de propaganda.

O exercito dando, como deu, as mãos á revolução, implicitamente assumiu, perante a nação e perante o mundo, a responsabilidade de execução das promessas, do programa politico administrativo, do lema do governo—Ordem e Trabalho—que ella inserivera na sua bandeira.

O exercito acompanhou com benevolencia expectativa os primeiros passos da Republica, mas viu, com mágoa, que ella não perdia as vacillações da sua marcha e que, eivada dos vícios ancestrais herdados da fôrma politica extinta, reincidia nos mesmos crimes, fazendo politica de corrilhos em vez de fazer politica nacional, deixando correr á revelia a resolução dos problemas vitais da nossa existencia economica em vez de fazer administração.

Com a instabilidade dos governos que, com uma rapidez vertiginosa, passaram nos ultimos oito anos pelas cadeiras do poder, esgotaram-se todos os homens politicos disponiveis no meallheiro dos ministeriaes, e nas cadeiras do poder começaram a sentar-se individualidades, cuja competencia governativa era um obscuro problema mesmo para os proprios.

A necessidade de se pôr um termo á febre de governos somente para fazer politica, arrastou o paiz á acontecimentos que levaram ao poder o general Pimenta de Castro e como este governo tivesse sido derrubado pelos acontecimentos de 14 de maio de 1915, os processos dos homens que o substituíram no poder, determinaram o movimento revolucionario militar de 5 de dezembro do ano passado, o qual, comb o 5 de outubro de 1910, traduziu a realização da velha aspiração nacional de se pôr termo á luta esteril entre patrulhas politicas e entrar-se franca e decididamente na execução da tarefa administrativa.

Foi a essa tarefa, que o vulto prestigioso de Sidonio Paes, secundado por alguns homens bons que acima de tudo prezam a paz interna da sua patria, meteu os hombros.

nação se pudesse pronunciar acerca dos homens a que intendesse por bem entregar o poder.

Para que esta previsão se pudesse tornar um facto, em vida do falecido Presidente, foi confiada a direcção dos acontecimentos emergentes pela sua morte a tres officiaes: ao major de cavalaria Alvaro de Mendonça, ministro da guerra, ao capitão Tamagnini Barbosa, ministro das finanças, e ao coronel João de Almeida.

Morto Sidonio Paes, o exercito esperava o exacto cumprimento do pactuado, mas eis que os acontecimentos politicos se apresentam de fôrma a provar-lhe, duma maneira inilidível, que o sr. Tamagnini Barbosa era o primeiro a traír o seu compromisso e a lançar-se na aventura da presidencia de um gabinete em cuja constituição se esboçava a emergencia da possibilidade do regresso a uma situação aberta a todas as contingencias de se ver destruida, em um momento, toda a obra da revolução de 5 de dezembro.

Nestes termos, os officiaes da guarnição do Porto e Lisboa, que tinham assinado aquele pacto, tendo consigo o ministro da guerra Alvaro de Mendonça, usaram dos meios suaves para obrigar o sr. Tamagnini Barbosa a cumprir os seus deveres de lealdade e só quando reconheceram que não estava na disposição de o cumprir honradamente, a Junta se constituiu para de uma maneira ordeira, mas enérgica, chama-lo á razão.

Que pretende, pois, a Junta Militar do Norte? Pura e simplesmente isto: Que se cumpra a ultima vontade de Sidonio Paes, constituindo-se um governo formado por homens absolutamente desligados de quaisquer compromissos politicos; bastantes decididos para não hesitarem um momento em levar até ao fim a investigação das responsabilidades do atentado e a sua punição legal, mais rapida e eficaz; por homens que não temam renunciar á popularidade a troco da defesa do dever; por homens, enfim, que tomando nas mãos o poder o conservem como um penhor sagrado, unicamente durante o tempo indispensavel para se sanear a atmosfera social e politica, para que a nação tome conta dos seus destinos e para que, de futuro, se assente no principio de que a força armada obedece, mas intelligente, se não pôde prestar por mais tempo a servir de guarda pretoriana de qualquer facção politica, mas que somente lhe interessa o bem estar da nação e que, pelo sistema politico que elle decretou, obrigará aquelles a quem a nação confiar o mandato de a dirigir e de a governar, a realmente governarem e não a governarem-se, como até hoje tem sucedido e parece haver ainda esperanças de succeder.

Finalmente a Junta Militar do Norte, de pleno accordo com todos os que a seguem e aprovam, pretende apenas isto: Assegurar ao paiz a possibilidade da existencia de um governo estável afim de se poderem conhecer, estudar e resolver todos os problemas de administração publica de que depende a vida nacional, resolução esta que as convulsões politicas de todo o momento tem obrigado a protelar indefinidamente.

E a Junta Militar do Norte, convicta de que está prestando um alto serviço á Patria e á Republica, repellido todas as insinuações torpes que por aí se tem espalhado sobre a probidade dos seus intuitos, decide empregar todos os meios honestos para alcançar este desideratum o sente que com ella estão em accordo unisono todos os homens bons da terra portugueza.

## A Junta Militar do Norte

largo lapso de tempo, terá havido de sobra vagar para resolver sobre a sua situação.

Na esquadra policial desta cidade estão ha um mez, incomunicaveis, dois individuos, sendo um deles o professor da Escola Normal, sr. Abel de Andrade.

# Notas mundanas

*Em Agueda, casou na semana finda a sr.ª D. Maria da Gloria Margnes, professora da Escola anexa á Normal, desta cidade, com o sr. Abel Marcelino Dias, telegrafista na estação dos caminhos de ferro.*

*Aos noivos, pelas qualidades que adornam os seus caracteres, agouramos um risonho futuro, desejando-lhes uma prolongada lua de mel.*

*Deu á luz uma criança do sexo masculino a esposa do sr. Vitorino Canelhas, capitão da administração militar, actualmente em França ao serviço do C. E. P.*

*Regressou ao seio de sua familia nesta cidade, o sr. dr. Francisco Soares, capitão medico meliciano, a quem os alemães aprisionaram, conservando-se nessa situação até ao armisticio.*

*Vivamente o felicitamos, tomando parte no jubilo de sua dedicada esposa e demais parentes.*

*Foi, em S. Paulo, E. U. do Brazil, pedida em casamento para o nosso amigo sr. Angelo Ferreira Martins, a senhorita Irene Mendes de Faria, distinta professora, filha do sr. Damazo de Faria e de sua esposa, a sr.ª D. Olimpia Mendes de Faria.*

*Antecipamos aos noivos os nossos cumprimentos de parabens.*

# O LICEU

Vai passar a denominar-se *Liceu Central Vasco da Gama*, por o governo ter deliberado ligar a todos os estabelecimentos de ensino secundario nomes de grandes individualidades, cuja lembrança constitua para os educandos perenne suggestão de virtudes civicas e moraes e o reconhecimento de solidos valores intellectuaes, o liceu de Aveiro.

Vasco da Gama foi, como se sabe, um intrepido navegador pelo que assenta bem nesta terra, bafejada pela brisa do mar, o seu laureado nome.

# Cobrança

*Aos assinantes deste jornal no continente a quem começaram a ser expedidos, á cobrança, pelo correio, os competentes recibos, vimos pedir, com empenho, a fineza de os não deixarem vir devolidos, tendo não só em consideração o prejuizo monetario que isso acarreta á empresa, mas também o novo trabalho a que nos obrigam, deixando de acceder á nossa instante solicitação.*

*Favor era que aquelles que o pudessem fazer enviassem directamente, em carta ou vale, as suas anuidades, poupando ao Democrata, cuja existencia tem sido das mais atribuladas e dispendiosas, os gastos do correio, par excessivamente elevados, e nem sempre de resultado seguro.*

*Egual apêlo lançamos aos que nos E. U. do Brazil e Argentina, na Africa como em todos os outros pontos do ultramar, nos dão a honra de receberem o jornal. Creiam os nossos amigos que de todas as crises por que o Democrata ha passado, e não tem sido pequenas, esta, á qual, de resto, se acha ligada a imprensa, em geral, pelo encarecimento de tudo quanto se lhe torna necessario — a papel na frente — é das maiores e das mais graves.*

*Esperamos, portanto, o auxilio duns e doutros, pelo que aqui fica exarado desde já o indelevel reconhecimento da empresa.*

# NOVO BARCO

Nos estaleiros da Gafanha foi, na passada sexta-feira, lançado á agua um novo barco de tres masts, armado em lugre, de 500 toneladas, denominado *Estrela do Mar*.

E' propriedade da firma Santos, Moreira & C.ª, desta cidade que, festejando o acontecimento, ofereceu a várias pessoas e representantes de congéneres sociedades, um magnifico copo de agua, para o qual também fomos convidados, mas a que não pudemos assistir por circunstancias alheias á nossa vontade.

Agradecendo a gentileza, desejamos que a *Estrela do Mar* paire por largos anos sobre o vasto Oceano.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

# Teatro Aveirense

Realizou-se na noite de sabado a anunciada récita que um grupo de amadores se propoz levar a efeito em beneficio da benemerita instituição Cruz Vermelha.

Só o intuito da simpatica tentativa, em si, nos merece os mais incondicionaes aplausos. Mas a fôrma artistica porque esse grupo de valorosos rapazes levou á scena a comedia *20.000 dollars*, é para nós credor de maior admiração.

De facto, entre tantas fôrmas que a benemerencia colectiva tem tomado, desde a kermesse, do bando preatorio, o recurso do teatro é o mais alevantado e nobre, o mais desinteressado e purificador, o mais educativo e o mais bello.

Pelo teatro se tem procurado, desde remotas éras, facilitar a educação dos povos; pelo teatro se tem procurado desenvolver o sentimento artistico e estético; pelo teatro se tem procurado pôr deante dos olhos os grandes actos das virtudes civicas que enobrecem os povos e constituem as mais bellas paginas da sua historia; do teatro se tem procurado fazer a escola do civismo, onde mais directamente o povo vá beber exemplos frisantes, ali trazidos em copia fiel aos seus olhos, os grandes dramas da tragédia humana, cujas scenas de vida e de luta, cujas manifestações de genio e de caracter, cujos actos de bravura e de heroicidade, é ainda pelo teatro a melhor fôrma de apresentar-lhe, pois que o teatro é a mais suggestiva fôrma de reprodução.

Foi, pois, feliz a escolha do teatro para esse esforço mais de todos aquelles rapazes que assim aliciaram á sua louvavel vontade de fazer uma exuberante e lisongeira prova do seu talento, que é, sem duvida, um orgulho para Aveiro, que pôde mais uma vez ver que não só tem filhos de prestatissimos intuitos e alma bem formada; como prometedores talentos, mas também provar que estão sempre prontos a pôr a sua acção e o seu prestigio ao lado de todas as causas boas e generosas.

E, bem entendido, este conceito de apreço e merecido aplauso, abraçge carinhosamente todos quantos não sendo genuinos filhos desta terra, do coração ofereceram o seu valioso prestatimo e coadjuvação, tomando parte no magnifico espectáculo.

E não foram eles poucos.

Bastaria o fim caritativo do espectáculo para que aplaudissemos, sem restricções, como fizemos, todos quantos para o seu desempenho concorreram. Mas, sem pretensões a critica, sempre diremos, muito resumidamente, das nossas impressões.

A casa estava regular. Poderia estar repleta se a noite se não apresentasse verdadeiramente tempestuosa e os preços não fossem tão injustificadamente elevados.

O espectáculo iniciou-se pela orquestra, com o hino da Cruz Vermelha. Da execução em harmonia com a importancia dos seus papeis, temos de destacar os srs. Antonio Campos, Aurelio Costa, A. C. Machado e José Monteiro, que foram correctos, identificando-se com o caracter dos personagens que interpretaram. O sr. Campos no papel de Dick foi esplendido; Aurelio Costa muito bem no de Sampaon, espirito agudo, fino, que reage por o amor duma mulher contra a vertigem do crime em que elle, por um dom especial da natureza, é um grande mestre; o sr. Machado bem no detective, arguto e precavido, acorreato ao dever profissional, que vê triunfar num momento em que o principio do amor pela humanidade sobreleva outro qualquer; o sr. José Monteiro, correcto, sereno, como cabe a todos os homens de negocio em grande escala e politicos em evidencia; José de Pinho e Abel Costa, magnificos; Caseiro, Santiago, Alves, Natividade, Alegria, concorreram para o bom desempenho do trabalho que lhes foi confiado e para o magnifico resultado obtido; também as meninas Gilberta, Herminia Lima e os pequeninos Maria e José Mota, concorreram para o bom desempenho da peça.

No final do espectáculo a sala aplaudiu com calor e justiça os interpretes da peça os *20.000 dollars*, chamando todos eles, incluindo o ensaiador, sr. dr. Ruela.

O espectáculo repete-se hoje em beneficio da Companhia de Salvação Publica Guilherme Fernandes.

# NECROLOGIA

Vitimado por uma *otite aguda*, que em 48 horas lhe aniquilou a existencia, faleceu igualmente na sua casa da Fogueira, o saudoso amigo e velho republicano Joaquim José de Barros.

Na pujança da vida, cheio de esperanza e de dedicação por tudo quanto significasse o bem geral e o engrandecimento da Patria, é doloroso assistir ao desaparecimento daqueles que, como o finado, tanto havia a esperar.

Alma aberta ao bem, amigo dedicado, chefe de familia exemplar, fôra sempre o trabalhador incansavel e solícito cooperador de tudo que significasse um progresso, um beneficio, um esforço, e assim elle foi um verdadeiro traba-

lhador na realização do projecto para a edificação da casa para a escola de Sangalhos, concelho de Anadia, em via de conclusão.

Republicano de sempre, nunca negou o seu esforço e a sua bolsa para toda a acção tendente a reivindicar os principios da Democracia e quer duma quer doutra fôrma, são valiosos os serviços prestados ao seu credo politico que ele tanto engrandeceu e amou, com a maior lealdade, com o mais completo desprendimento.

Era socio da importante firma comercial Bernardo Moraes & C.ª. O saudoso extinto, que não atingira 36 anos de vida, deixa viuva a sr.ª D. Julia Augusta Seabra Barros e dois filhinhos de tenra idade, a quem endereçamos sentimentos, bem como a seu irmão Bernardo.

Tambem a tuberculose acaba de arrebatat a menina Helena Martins, cuja morte foi antecedida por um doloroso e cruciante sofrimento de alguns mezes.

Tinha 19 anos e era filha da sr.ª Maria Martins.

Dizem de Quelimane, Africa Oriental, ter falecido no dia 13 de dezembro, o alferes de infantaria 2, José Ferreira, natural de Aveiro, e filho do sr. Manuel Ferreira, industrial.

O extinto, que contava apenas 25 anos, era ajudante de campo do governador, que também faleceu na mesma data e com doença identica.

Na freguezia de Ois da Ribeira, concelho de Agueda, succumbiu, vitimado pela tuberculose, o convicto republicano José Pinheiro de Almeida, ha pouco chegado de Rio de Janeiro.

O Democrata sente o triste desenhace, visto ter contado no numero dos seus melhores amigos o prestante cidadão.

# Ultimo aviso

*Tendo-se levantado uma questão entre o signatario, que jámais negou o que deve, e o comerciante de esta praça, Alberto João Rosa, que, pelo visto, gosta pouco de pagar a quem deve, fica este avisado, em ultima instancia, de que, não mandando receber até o dia 17 proximo 1916, por saldo das nossas contas, me reserveo no direito de os distribuir pelos pobres ou dispor dessa quantia consoante entender, dando em seguida conhecimento ao publico dos motivos determinantes duma tal resolução.*

Costa de Valado, 10 de janeiro de 1919.

Arnaldo Ribeiro

# Divorcio

Por sentença de 4 de dezembro findo, com transito em julgado, proferida na acção de divorcio que Maria Dias Ribeiro, domestica, moradora em Requeixo, moveu, com o beneficio da assistencia judiciaria, contra seu marido Fernando de Sequeira Pinto, sapateiro, auzente em parte incerta do Brazil, foi decretado o divorcio definitivo entre a autora e o réu, o que se annunciava para os devidos efeitos.

Aveiro, 2 de Janeiro de 1919.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Pereira Zagalo

O escrivão,

Francisco Marques da Silva

# LEILÃO

Tem logar no dia 19 de Janeiro, o leilão de todos os penhores com mais de 3 mezes em atraso, na Rua do Passeio, n.º 19.

Os mutuantes,  
Artur Lobo & C.

# EM FIM!

Encontra-se já entre nós, entregue aos afazeres da sua vida comercial, o nosso antigo correligionario e amigo Bernardo de Souza Torres, preso após o movimento revolucionario de 12 de outubro findo.

Regressa aparentando regular disposição fisica que as agruras do carcere e outras torturas sofridas não conseguiram abalar, apesar da sua debil compleição.

Abraçamo-lo cordealmente, congratulando-nos com a sua chegada.

Lamentamos não poder dizer o mesmo com respeito ao capitão do exercito do ultramar Belmiro Duarte Silva, preso também, vai para tres mezes, sem que até hoje nada, absolutamente nada, sobre a sua culpabilidade no referido movimento se tenha apurado, sendo certo, porém, que durante tão